

---

# O NOVO MODELO DE GOVERNANÇA DO POVO PAITER SURUÍ FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO<sup>1,2</sup>

## A NEW GOVERNMENT MODEL FOR THE PAITER SURUÍ PEOPLE IN FRONT OF THE LATEST CHANGE IN TECHNOLOGY INFORMATION

Paulo César Barros Pereira<sup>3</sup>  
Maria Liziane Souza Silva<sup>4</sup>  
José Luiz Gondim dos Santos<sup>5</sup>  
Gasodá Wawaeitxapôh Suruí<sup>6</sup>

---

**RESUMO:** Alguns povos indígenas amazônicos têm buscado novas maneiras de gerenciar seus territórios, dentre eles os Paiter Suruí ou Paiterey Garah, da Terra Indígena Sete de Setembro, em Cacoal, RO (TISS), que criou um Plano de Gestão Etnoambiental para monitorar as ameaças às florestas, divulgar suas riquezas naturais e culturais com adoção de novos aparatos tecnológicos como ferramenta de auxílio. Os avanços deste plano têm se mostrado relevantes após ser considerados referência para outros povos quanto à temática gestão territorial. O objetivo é abordar o modelo de governança criado por Paiter Suruí, utilizando novas tecnologias como assistentes para este projeto. Para análise dos fatos como *práxis* humanas adotamos a dialética como método tendo como técnica a fonte oral.

**Palavras-chave:** Plano de Gestão Paiterey. Terra Indígena Sete de Setembro. Novas tecnologias. Amazônia brasileira.

**ABSTRACT:** Some Amazonian indigenous peoples have sought new ways to manage their territories, among them the Paiter Suruí or Paiterey, of the Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal, RO (TISS), who established the Environmental management plan to monitor the threats

---

1 Apoio: Programa de Apoio ao Pesquisador Rondoniense (PQR), Chamada N°. 003/2017/FAPERO, por meio do projeto “Geografia e Marcadores Territoriais: Sentidos e Representações Socioculturais Amazônicas”.

2 Trata-se de artigo revisto e ampliado a partir do trabalho “Ameaças, conflitos e resistências: as novas tecnologias como ferramentas de auxílio ao Plano de Gestão do povo Paiter Suruí em Cacoal Rondônia diante a coação de seu território”, apresentado no III Simpósio Internacional de Geografia Política e Territórios Transfronteiriços (GEOTRANS) e V Simpósio Nacional de Geografia Política, Território e Poder (GEOSIMPOSIO) “Conflitos e desigualdades territorial na sociedade contemporânea”, em Alfenas – Minas Gerais, 2019.

3 Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – PPGG/UNIR. E-mail: paulo.barros.pereira12@gmail.com.

4 Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – PPGG/UNIR. E-mail: liziane.souza.silva@hotmail.com.

5 Mestre em Saúde pelo Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário de Medicina do ABC - PPGCS/ABC. E-mail: gondim.adv@gmail.com.

6 Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – PPGG/UNIR. E-mail: gasodasuruí@hotmail.com.

to forests, disclose their natural and cultural wealth with adoption of new technological devices as a tool to aid. The advances in this plan have shown the following factors after referring to other peoples regarding territorial management. The objective is to approach the governance model created by Paiter Suruí, using new technologies as assistants to this project. For the analysis of facts as human praxis they adopted dialectics as a method using an oral source as a technique.

**Keywords:** Paiterey Management Plan; Indigenous Land Sete de Setembro; New technologies; Brazilian Amazon.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o contato com os não indígenas os povos originários (indígenas) da Amazônia sofrem com a pressão social, territorial e cultural, fato que, ainda continua bastante latente nos dias atuais. Diante disso, alguns desses povos têm se destacado com iniciativas inovadoras, estratégias que visam sobretudo cuidar e resguardar seus territórios e conseqüentemente fortalecer sua cultura. Sob tais perspectivas, entram as novas tecnologias da informação como ferramentas auxiliaadoras.

No entanto, a priori faz-se necessário entendermos que o papel exercido pela Revolução da Tecnologia da Informação, também chamada de Terceira Revolução Industrial, ou Revolução Técnico-Científica-Informacional, surgida a partir da década de 1970, influenciou fortemente o mundo contemporâneo, gerando transformações profundas no modo de viver do homem (MANDEL; SIMON; LYRA, 1997).

Neste contexto, na Amazônia brasileira as tecnologias também envolveram o cotidiano dos povos originários. Em consonância com Costa (2010), os indígenas foram atraídos pelos atrativos dos aparatos tecnológicos, instigados pela proximidade de seu território e/ou sua inserção e convívio com as cidades e com a sociedade envolvente. A adoção dessas tecnologias caracteriza-se no que Carvalho Mello e Almeida Silva (2016) classificam como antropofagia pós-moderna, isto é, a capacidade de emprego de instrumentos de estratégia transcultural-territorial que visam fortalecer a cultura e a identidade, bem como se municiar para o enfrentamento dos discursos pós-colonialistas.

Este estudo tem como objetivo abordar sobre o Plano de Gestão Territorial Paiter Suruí e as novas tecnologias como aporte estratégico para a divulgação de sua causa. O plano é uma oportunidade de ressignificação ancestral e histórica, de autonomia indígena em um cenário multifacetado e complexo. Um movimento contra a ameaça e invasões de poderosos grupos econômicos e atores sociais.

Nossa inquietação surge a partir do momento em que os “benefícios” do Plano de Gestão, mediados por tais tecnologias são estabelecidos como “verdades”, e, portanto, ser necessário refleti-las para poder se estabelecer outras com maior robustez. Também como ainda não é comum análises sobre essa temática, a discussão representa uma oportunidade de avaliar quais os impactos, positivos e/ou negativos, produzidos na organização social, política e cultural de um povo indígena que adota essas ferramentas como estratégia de divulgação de sua causa.

Para fins de embasamento teórico tivemos como prioridade a análise documental do Plano de Gestão dos Paiter e apoiamos-nos numa revisão bibliográfica de caráter geográfico, filosófico e tecnológico, com diferentes enunciados autorais que discutem a temática. Neste sentido, nos ancoramos no método dialético, comumente empregado nas pesquisas qualitativas qual defende que os fatos não devem ser considerados fora do contexto social e que é necessário refletir suas contradições através de argumentos fundamentados racionalmente.

Neste sentido, na perspectiva de Marx e Engels (2007), a dialética constitui-se em um esforço para perceber as relações reais (sociais e históricas) por entre os modos estranhos com que se apresentam os fenômenos, e afirmam:

Ela [a história] não tem necessidade, como na concepção idealista de história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer constantemente sobre o solo da história real; não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações ideais a partir da práxis material e chegar, com isso, ao resultado de que todas as formas e [todos os] produtos da consciência não podem ser dissolvidos por obra da crítica espiritual, por sua dissolução na ‘autoconsciência’ ou sua transformação em ‘fantasma’, ‘espectro’, ‘visões’ etc., mas apenas pela demolição prática das relações sociais reais [realen] de onde provêm essas enganações idealistas (MARX; ENGELS, 2007, p. 42).

A dialética em Marx e Engels não é somente um método para se chegar à verdade, mas, como se vê, uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo. Por isso ser necessário analisar racionalmente as contradições desta relação. Neste sentido, entendemos a importância do uso desse método no presente artigo, uma vez que contempla o estudo da realidade humano-social, aqui protagonizada pelas relações indígenas com seu contexto social.

A fonte oral foi a técnica que adotamos, pelo fato de ser considerada a mais antiga na difusão e propagação do saber (GONÇALVES; LISBOA, 2007), de modo que realizamos entrevista aberta com uma das lideranças Paiter Suruí durante dois trabalhos de campo à TISS, na Aldeia Paiterey - Linha 09, em Cacoal no ano de 2018, e assim obtivemos as informações necessárias para construirmos nossas arguições.

## **ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS**

A abordagem sobre a concepção do território indígena tem se desenvolvido de maneira difícil. Talvez devido certa escassez teórica que ainda paira sobre a temática que por vezes parecem apresenta-se incompletos quando relacionado aos povos indígenas. Ademais, quando buscamos entender tal conceito, verificamos que esta perspectiva difere daquela abordada pela geografia tradicional e reducionista.

No entanto, nos últimos tempos este conceito mudou e incorporou outros valores. Trata-se de um conceito mutante, que ganhou novos adornos como modo de resistência cultural. Tal concepção é resultante da maneira como cada povo indígena percebe o seu mundo, o seu universo, e por isso a habilidade para entendermos as múltiplas reações aí existentes, “sobretudo, devido aos aspectos simbólicos e psíquicos composto pelos valores, sentimentos, tramas, apego às tradições e as relações intrínsecas de cada povo com seu habitat” (ALMEIDA SILVA, 2015a, p. 30). Nesta perspectiva, o foco da questão está em entender como eles concebem seu universo e a inseparável relação que possuem com seu meio.

Acrescente-se ainda sobre esse imbrólio teórico, o fato da existência de inúmeros povos indígenas possuir concepções diferentes sobre o termo território. Ramos (1986, p. 11) corrobora quando diz que “Não há duas sociedades indígenas iguais. Mesmo quando ocupam zonas ecológicas semelhantes, elas contem suas individualidades, tanto no plano das relações sociais como no campo simbólico”. Contribuindo ainda temos:

Os conceitos de terra e território – variam de uma sociedade indígena para outra, por dependerem da percepção que cada sociedade tem da terra e do mundo – tendem a se unificar, produzindo uma concepção indígena espontânea de terra como espaço homogêneo, fechado por fronteiras definidas pelo direito nacional geométrico, que distingue duas identidades éticas em oposição: os brancos (fora) e índios (dentro). (SEEGER; VIVEIROS CASTRO, 1979, p. 103).

Observa-se que as diferenças culturais impedem de pensar um conceito territorial indígena uniforme, uma vez que cada povo entende seu mundo de maneira específica, revelando a grande complexidade em se definir um conceito geral.

Todavia, o importante neste contexto é entender que independentes das inúmeras visões, o conceito de terra ou território para o indígena é explicado através de sua cultura, da estruturação sensorial psíquica de cada um, através do mito, da cosmologia, dos valores, expressados no cotidiano, em suas vivências e pelo arranjo político exercido pelos membros. (ALMEIDA SILVA *et al.*, 2015). O entendimento sobre território indígena resume-se, portanto, em representações simbólicas pelas experiências vividas de cada povo. A relação destas vivências e experiências, denominada “geograficidade” por Dardel (2011), expressa a essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo dos povos indígenas.

Quanto aos Paiterey, esta discussão também não foge à regra, segundo Suruí e Almeida Silva (2019), eles se organizam em metades exogâmicas, onde uma representa a mata e a outra o roçado, ou roça. Obrigações como a agricultura, a caçada, a pescaria entre outros deveres, é explicado pela relação de parentesco. Estas ações regulam sua organização social, política, cultural, espiritual e territorial. Tais representações simbólicas Paiterey, diluídas através de suas vivências, exalam para o entendimento de território indígena.

## QUEM SÃO OS PAITER SURUÍ?

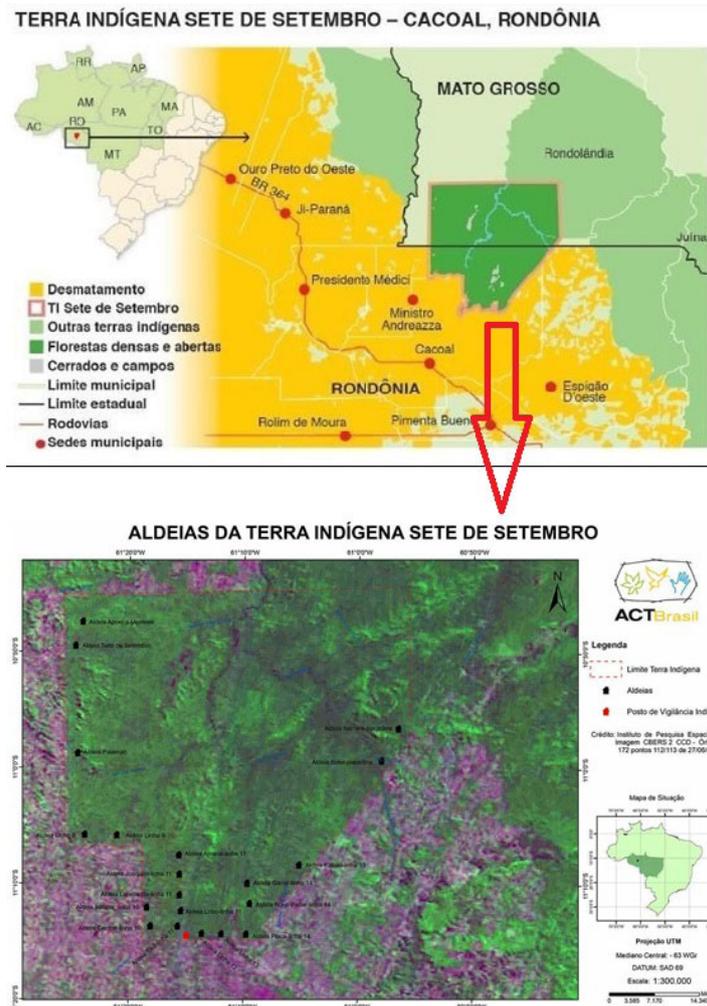
O recorte espacial escolhido neste estudo foi a Terra Indígena Sete de Setembro, ou Paiterey Gãrah (autodenominação em Tupi Mondé) que significa “esta terra é nossa”. Ancestralmente se autodenominam e reconhecem como “gente de verdade, nós mesmos”, tradução da língua Paiter Suruí. (SURUÍ, 2019). A Terra está sobreposta em áreas que incidem, o norte do município de Cacoal até e Rondolândia - Mato Grosso, e possui 247.870 hectares. É uma área que se destaca das demais que estão em seu entorno devido a existência de densas florestas preservadas, conforme mostra parte superior da Figura 1.

Atualmente eles sobrevivem da caça, pesca, coleta de produtos da floresta, agricultura, ecoturismo e da produção e venda de carbono. Os homens indígenas são responsáveis pela caça e pela preparação do terreno para as lavouras. As mulheres cuidam das crianças, cozinham e fazem cerâmicas, cestarias, colares e brincos tudo com as características do povo, mas ambos os sexos plantam e pescam. (SURUÍ, 2019). Atualmente existe um posto de vigilância indígena e 20 aldeias, situados às margens nos limites desta TI, conforme mostra parte inferior da Figura 1.

Os Paiterey teriam emigrado da região de Cuiabá (Mato Grosso) para Rondônia, ainda no século XIX em virtude da perseguição dos não indígenas. Mas no fim do século XIX até a década de 1920, com a exploração da borracha, a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, a instalação de linhas telegráficas por Rondon, e conseqüentemente o grande fluxo migratório para Rondônia irá atingir diretamente a população indígena da região e novamente os Paiterey, gerando muitas lutas e mortes (CARVALHO MELLO e ALMEIDA SILVA, 2016).

Oficialmente, os Paiter Suruí foram contatados pela Funai em 1969 (Figura 2), por meio dos sertanistas Francisco Meirelles e Apoena Meirelles, no então acampamento da Funai (Sete de Setembro), quando nesse ano visitaram o acampamento, construído um ano antes. Eles só passaram a morar de modo mais fixo no posto em 1973, quando vieram buscar assistência médica em razão de uma epidemia de sarampo que matou cerca de 300 pessoas indígenas. Um terço de sua população continuou a morar fora da área indígena, e em 1977 migrou para outro posto da Funai criado então, a Linha 14. (METAREILÁ, 2019; MINDLIN,1985).

A demarcação da Terra Indígena ocorreu em 1976, e a posse permanente foi declarada pela portaria 1561, de 29 de setembro de 1983, momento em que recebeu o nome oficial de “Área Indígena Sete de Setembro”. Mas, entre 1982 a 1987, um imenso impacto é sentido por conta da chegada de milhares de pessoas nesta região impulsionadas pelo Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil - Polonoeste, cujo objetivo principal era oferecer a estrutura para o novo Estado (criado em 1981) que culminou com o asfaltamento da Rodovia Cuiabá - Porto Velho (ALMEIDA SILVA, 2012). Nessa nova reconfiguração sociopolítica e territorial, os Paiterey perderam grande parte de seu território para estes projetos e empresas que desconsideravam a homologação legal da Terra Indígena Sete de Setembro.



Fonte: IDESAM; ACTBrasil, 2011.

Figura 1. Terra Indígena Sete de Setembro.



Fotos: Jesco, 1969.

**Figura 2.** Fotografias do contato.

Os anos passaram e os Paiterey sofreram pressões de toda ordem, seja pela invasão de suas terras por pequenos agricultores, madeireiros e também pela ação de garimpeiros, forçando-os cada vez mais a embrenhar-se ao interior de seu território. Essas invasões geraram sérios desdobramentos também na saúde dos Paiterey, particularmente das crianças e idosos, bem como outros arranjos de diversas ordens para o povo. Por outro lado, alguns de seus jovens que já dominavam a língua portuguesa, em razão da necessidade de diálogo com os não indígenas, passaram a ser interlocutores a conduzir suas reivindicações junto à Fundação Nacional do Índio – Funai e demais órgãos públicos e entidades não governamentais. (ALMEIDA SILVA, 2012). Foi justamente isso que fez com que eles se conscientizassem sobre como se constitui e organiza a sociedade brasileira, e a premente necessidade de lutar pela defesa de seu território. Desde então passaram a reivindicar seus direitos como cidadãos.

Nos últimos anos os líderes deste povo criaram um plano de gestão territorial, no qual um dos objetivos principais seria o resgate e a valorização dos conhecimentos ancestrais, a proteção territorial e a promoção de desenvolvimento com base na relação entre humanos e o meio ambiente. Para a divulgação deste plano as novas tecnologias da informação entram como suporte decisivo de suas causas. Eles buscaram parcerias, e receberam cooperação de grandes organismos nacionais e internacionais de suporte tecnológico.

## **PLANO DE GESTÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO**

No limiar do século XXI os Paiterey elaboraram e implantaram o Plano de Gestão Territorial com objetivo de preservar, conservar e controlar suas riquezas naturais, culturais, sociais, espirituais e territoriais. Este Plano tornou-se mecanismo estratégico e é composto por uma série de seus etnoconhecimentos, contando também com atributos conceituais acadêmicos (podemos falar de hibridização ou antropofagias).

O Plano atua principalmente na gestão territorial-ambiental com estabelecimento de procedimentos, diretrizes e encaminhamento de demandas socioculturais. Trata-se de um procedimento de governança, cujas tomadas de decisões são coletivas, apreciadas e aprovadas por um sistema de Parlamento Interno representado pelas lideranças, anciões de cada aldeia e de todos os clãs existentes, no caso, os Gameb (maribondos pretos), Gamir (maribondos amarelos), Makor (uma espécie de bambu amazônico), Kaban (uma fruta regional). É caracterizado por um horizonte temporal de longo prazo e comumente é reconhecido pelo povo como Plano Paiter 50 anos. Ele também agrega outras grandes estratégias e projetos, que

exigem acordos e alianças entre os clãs que compõem os Paiterey, além de dedicação e a busca de parcerias em âmbito local, nacional e internacional. (SURUÍ, 2020).

As ações do Plano são articuladas, monitoradas e estão subdivididas em cinco grandes eixos ou categorias e uma série de atividades e indicadores (Quadro 1).

**Quadro 1.** Planejamento dos Paiter Suruí para os próximos 50 anos.

	<b>Atividade</b>	<b>Indicadores</b>
Sócio demográfico	Planejamento Familiar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhoria na taxa de nascimento;</li> <li>• Melhoria dos indicadores mortalidade;</li> <li>• Interferência no cenário atual de migração para a cidade, com a criação de condições de desenvolvimento sociocultural na TI.</li> </ul>
Etno-cidadania	Formar indígenas na área de saúde em todos os níveis educacionais/ Aposentar idosos/ Fortalecer medicina tradicional.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Número de aposentadorias e benefícios sociais concedidos após o início do projeto;</li> <li>• Melhoria na qualidade do ensino indígena e das escolas de ensino fundamental ofertado para os Paiter Suruí;</li> <li>• Escolas que oferecem ensino médio e superior dentro da TI;</li> <li>• Postos de saúde comunitárias funcionando;</li> <li>• Nº de casas com banheiro básico completo e com acesso à água tratada;</li> <li>• Nº de aldeias com coleta de lixo.</li> </ul>
Conservação e Proteção da biodiversidade da TI	Proteger limites TI/ Manejar os recursos naturais e dos roçados/ Formar Agentes Ambientais Indígena/Formar indígenas nas áreas ambientais no curso superior/ Reflorestar área desmatada/ Obter roçados sustentáveis/ Implantar Sistema agroflorestais/ Recuperar sementes indígenas/Desenvolver ecoturismo/Implementar Serviços Ambientais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reavivar marcos dos limites da TISS;</li> <li>• Realizar expedições de fiscalização dos recursos naturais da TI;</li> <li>• Contratar indígenas para trabalho de Fiscalização ambiental da TI;</li> <li>• Programa Conservação Etnoambiental da TI;</li> <li>• Criar novas aldeias e áreas de reflorestamento;</li> <li>• Diminuir a exploração ilegal de madeira;</li> <li>• Adotar medidas de uso sustentável dos recursos naturais da TI;</li> <li>• Preparar estruturas para o turismo;</li> <li>• Aumentar número de turistas na terra indígena;</li> <li>• Implementar Projeto de carbono;</li> <li>• Manejar recursos hídricos.</li> </ul>
Governança	Fortalecer Sistema de Governança Tradicional	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tomada de decisões através de representantes de clãs a partir da demanda da comunidade;</li> <li>• Realizar reuniões periódicas entre os Diretores de Associações Indígenas e os chefes dos clãs para discutir, avaliar e monitorar o andamento do projeto;</li> <li>• Criar espaço para reclamações;</li> <li>• Realizar reuniões gerais para disseminação de informações e resultados;</li> <li>• Realizar reuniões quando solicitado entre indígenas e entre parceiros quando necessário.</li> </ul>
Aspectos Culturais	Valorizar cultura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar festas e ritos tradicionais nas 10 aldeias (5);</li> <li>• Construir casas tradicionais nas aldeias;</li> <li>• Valorizar a produção de produtos locais para comércio (agrícolas, artesanatos, etc.);</li> <li>• Realizar pesquisas etnográficas realizadas para a documentar a cultura e história dos Paiterey;</li> <li>• Realizar e divulgar exposições sobre a cultura;</li> <li>• Valorizar as práticas tradicionais de cura e promoção à saúde.</li> </ul>

Fonte: METAREILÁ, 2010.

Como se vê, a grande finalidade do plano é gerar os benefícios necessários para a valorização da cultura, fortalecimento identitário e a conservação de sua terra. No tocante aos aspectos culturais deste plano, notamos que uma das atividades é “Realizar e divulgar exposições sobre a cultura”. E é justamente aí que entra em ação as novas tecnologias da informação e comunicação, que vão auxiliar de modo decisivo na divulgação e conseqüentemente na concretização do Plano.

Por meio de uma entrevista concedida por Labiway Saga (líder maior), Almir Narayamoga Suruí, ele nos detalhou mais sobre esse processo:

[...] como líder nasci e cresci lá, vendo todos os desafios enfrentado por esse povo e também na região. Dessa forma junto com outros líderes do sistema de governança do povo Paiter Suruí, nós criamos o Plano de 50 anos. É uma estratégia de 50 anos, e dentro do plano de 50 anos temos 12 programas maiores. Eu tenho atuado mais no plano do meio ambiente, hoje também na área de educação [...] eu não vou dizer pra vocês também que o meu conhecimento e o do meu povo é melhor que o de vocês, como eu tô dizendo aqui, é, uma sociedade tem de falhas, então precisa avaliar e reverter essas falhas como instrumento que pode trazer uma grande reflexão e buscar a melhor delas, [...] porque o Brasil tem um grande potencial que é pega uma parte da Amazônia e não soube valorizar. [...] o Plano/diagnóstico foi construído com as nossas ideias, com a nossa participação, então, ela tem que ser um resultado do nosso trabalho. E nós temos que ter protagonismo em relação a isso. Já tem uns 10 anos que estamos construindo esse plano de 50 anos dos Paiter Suruí. Ele foi importante para a conquista de alguns momentos da luta dos Paiter Suruí, uma dessas lutas é o Paiter Suruí sair fora dos madeireiros ilegais de hoje. Também temos alguns parceiros potenciais que estão consolidados ao grupo de parceiros dos Paiter Suruí, como USAID, GOOGLE, KANINDÉ, ACT, IDESAN, FLOREST TREND, FUNBIO. Então, o plano pós-diagnóstico, orientou para que pudesse construir essa relação, de diferentes parceiros (Governos e ONGs) que têm diferentes ideias, isso é uma conquista. (SURUÍ, ALMIR. Entrevista concedida em 18 de setembro de 2018).

A estratégia dos Paiter foi se aliar às novas tecnologias para alcançar os objetivos do Plano de Gestão, conforme afirma Almir. Sua fala nos conduz ao que Pinto (2009), afirmara sobre as Tecnologias da Informação visto que se tornaram para alguns desses povos, objeto de lutas, ferramenta para competir com os meios de comunicação, para unir povos de vários lugares do Brasil e do mundo. A teoria da autora aponta para uma reinvenção cultural. Sobre este processo, Almeida Silva (2012; 2015a; 2015b) acrescenta que vitimados pelo processo de desenvolvimento e da expansão do capital, os indígenas têm desenvolvido métodos e estratégias de resistências, principalmente nas últimas décadas, e se organizaram na defesa de seus interesses, inclusive territoriais, direitos estes, elementares.

É nesta disposição que estão os Paiterey quando elaboram o Plano de Gestão. Todavia, havia outra preocupação, de onde viriam as fontes de captação dos recursos? Nesta busca entenderam que seria necessário selar algumas parcerias para captação destes recursos focando em doações de empresas privadas, conforme mostra parte do Plano disposto (Figura 3). Neste caso, como cita Almir na fala anterior, um dos parceiros potenciais que se dispuseram a ajudar foi a GOOGLE.

Assim, em 2007 o líder solicitou aos executivos da Google que ajudassem seu povo a monitorar a floresta. No ano seguinte, o Google Earth Outreach, forneceu celular e laptops equipados com programas de dados capazes de abastecer o povo com informações sobre a floresta. Uma equipe composta por 30 indígenas foi treinada para monitorar os limites da Terra Indígena Sete de Setembro com o auxílio de equipamentos tecnológicos (Figuras

4 e 5). Eles aprenderam a filmar e a postar vídeos no Youtube, e a usar as ferramentas do Google Earth na fiscalização da floresta (SCOFIELD JUNIOR, 2012).



Fonte: SURUÍ, 2020.

Figura 3. Fontes de recursos do Plano de Gestão do povo Suruí.

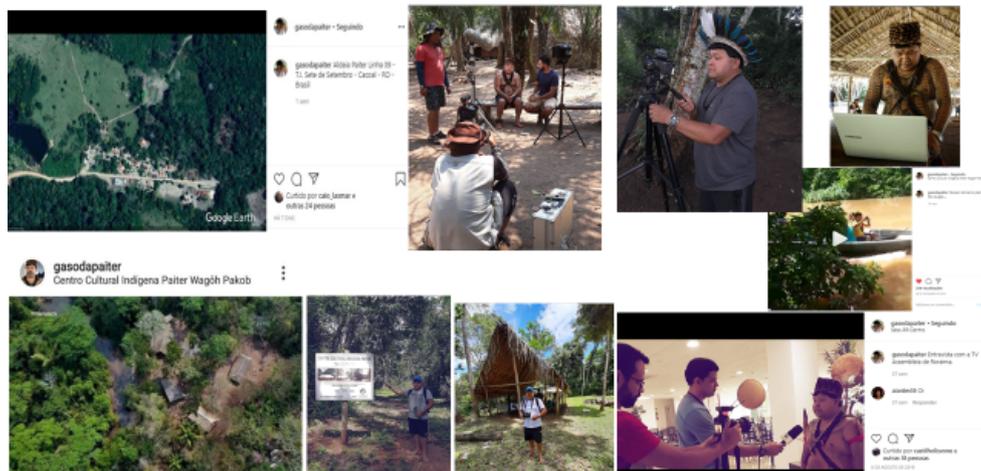
Rebecca Moore, cientista responsável por projetos ambientais do Google: lado esquerdo em treinamento com os índios Suruí e ao lado direito ensinando Almir Suruí a usar o Google Earth



Fonte: Associação KANIDÉ, 2012, adaptado por autores, 2020.

Figura 4. Suruí em treinamento pela Google, 2012.

A divulgação da cultura Suruí nas redes sociais utilizando ferramentas como: Google Earth, drones, câmeras filmadoras, notebook, celular e câmera fotográficas



Fonte: via instagram @gasodapaiter, 2020.

Figura 5. Mosaico - A divulgação da cultura Suruí e a utilização das novas tecnologias da informação.

Nesta reinvenção, entendemos o relato de Almir quando fala que, para combater as influências provenientes do processo imposto pela modernidade que se abatiam sobre seu povo foi indispensável a adoção e capacitação de uso de ferramentas tecnológicas de última geração.

Hoje os Paiter Suruí atuam fortemente nas redes sociais divulgando seu povo e sua cultura. As ferramentas utilizadas são variadas, que vai desde um celular, uma câmera filmadora, o Google Earth, ou até mesmo a utilização de drones ou VANT (Veículo Aéreo Não Tripulado) ou VARP (Veículo Aéreo Remotamente Pilotado), uma das tecnologias que mais tem chamado a atenção nos últimos tempos por possuir diversas utilidades como por exemplo fazer imagens aéreas em ambientes hostis, conforme Figura 5.

Como vemos, hoje esse povo utiliza as mais modernas ferramentas para divulgar sua cultura. Os treinamentos recebidos pela Google juntamente com os recursos oferecidos por ela possibilitaram aos Suruí outra e nova maneira de gestar seu território. As redes sociais tornaram-se campo fecundo para projetar-se espacialmente de modo prático, principalmente naqueles ambientes mais longínquos. Esse novo jeito de gerenciamento quebra as fronteiras geográficas espaciais perpetuadas há décadas. As pressões territoriais sofridas desde o contato com os não indígenas, fez nascer esse novo modo de gestar sua terra. As novas tecnologias, tornam-se indispensáveis para o monitoramento do território, razão pela qual o líder Almir detalha seu pedido de ajuda à empresa Google: “Nós decidimos usar a tecnologia para melhorar a comunicação, monitorar as ameaças à floresta e divulgar nosso plano de gestão das riquezas da floresta e preservação da cultura Paiterey”. (SCOFIELD JUNIOR, 2012, p. 01).

Essa preocupação de Almir é pertinente, pois, foi somente após firmar essa parceria que os Paiterey deram prosseguimento a várias outras ações, dentre as quais concebem o ambicioso programa de reflorestamento para conter exploração ilegal e recuperar áreas que foram desmatadas com elevadas antropizações dentro de seu território. O Programa também almeja conscientizar, por meio de campanhas educativas, os vizinhos do entorno da Terra Indígena, para tanto, produziram e distribuíram mudas para os agricultores vizinhos que acreditaram nessa importante ação. (SURUÍ, 2020).

Para além dessa questão, encontramos ainda em outros Paiterey que se destacam nesse campo tecnológico, com a utilização de ferramentas que permitem ao povo não somente comunicar entre si, mas usufruir desse aparato para o oferecimento de denúncias, ao tempo em que divulgam sua cultura e ações que desenvolvem no território. Dentre os exemplos citamos o de Gasodá Suruí (6), o qual deixou o seguinte registro no dia 24 de maio de 2012 em sua página de Facebook publicada em 11 de julho de 2012:

A tecnologia passou a fazer parte da vida dos índios, que hoje mantêm um blog e estão no Twitter. Essa prática deve ser adaptada a distintas realidades, mas sempre faz com que pessoas e comunidades possam efetivamente se inserir num novo mundo. Toda essa ciência voltada para o mundo do branco também faz parte da ciência dos povos indígenas. O computador é um instrumento a mais para a nossa vida, para podermos mandar a nossa mensagem, receber mensagens e utilizar essa mensagem de forma estratégica, aprender a lidar com cada um desses mundos diferentes.

Destarte, considera-se que estas novas tecnologias causam impactos, o que poderia considerar-se positivos ou negativos depende da possibilidade e do modo como acessam os conteúdos – no caso da informática; em tal perspectiva entendemos até aqui como algo positivo, visto que reestrutura e auxilia no resguardo territorial e na valorização dos laços

culturais, espirituais e sociais, ao tempo que se conecta com o mundo e com isso abre outras possibilidades de comunicação sobre o que ocorre na Terra Indígena (Figura 6).

Decorrido quase cinco décadas do pós-contato, os Paiter Suruí dizem ter aprendido com o passado, com as lutas e, com isso, tiram lições para enfrentar novos desafios. Hoje também atuam através de seu centro cultural compartilhando seus saberes para aqueles que se permite conhecer o “outro” originário.

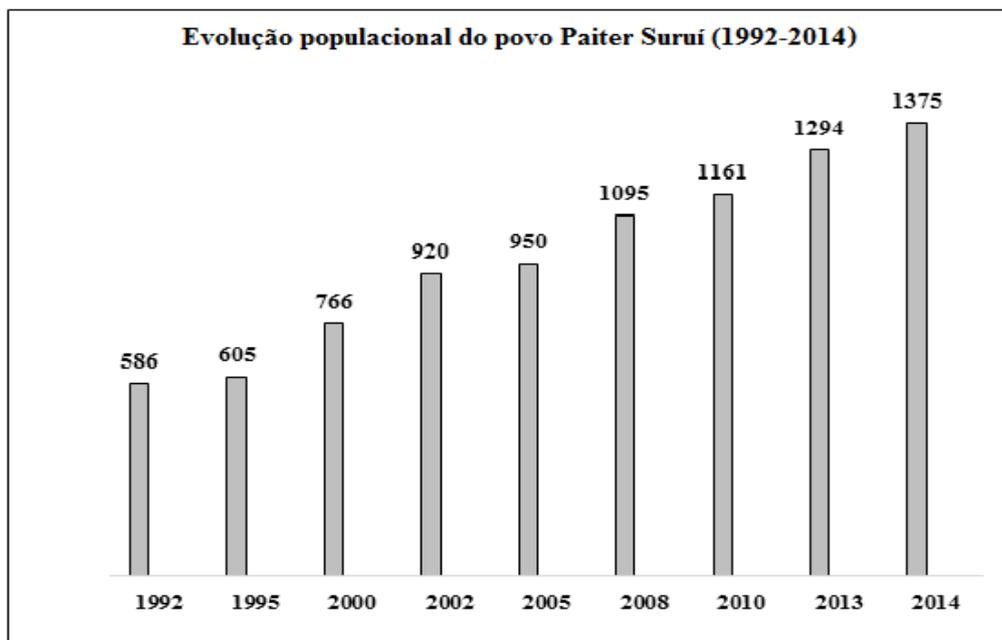


Foto: Paulo César Barros Pereira, 2016.

**Figura 6.** Apresentação da dança Suruí no Centro Cultural Indígena Paiter Wagôh Pakob à turma de Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, UNIR, em 2016.

O fato de aliar seus arcos e flechas com computadores, notebooks entre outras ferramentas tecnológicas, de acordo com o que afirmam, trouxe implicações relevantes para o interior de seu território. Contudo, nem por isso deixaram de ser indígenas. Estas ferramentas propiciaram, inclusive, que possam contar sua história; sua cultura; suas realizações como povo, dentro dos princípios; dos valores e da ética dos Paiterey, que é o respeito à natureza e a todas formas de vida existentes no Planeta.

Se nas duas primeiras décadas do pós-contato os Paiterey ficaram numa condição bem vulnerável, devido à mortandade de seus membros ocasionadas pelas mais distintas doenças que até então não conheciam, na década de 1990 em diante experimentam um crescimento populacional bastante expressivo (Figura 7).



Fonte: Terras Indígenas do Brasil. Organizado por Adnilson de Almeida Silva (2020)

**Figura 7.** Evolução populacional do povo Paiter Suruí (1992-1994)

A Figura 7 revela a crescente evolução populacional no período entre 1992 a 2014, com significativo destaque a partir do ano de 2008, data inicial do projeto para novas estratégias de sobrevivência dos Suruí. Neste aspecto, é importante destacar que o crescimento populacional tem relações diretas com os cuidados para com a saúde, como bem expõe em um dos pontos do Plano de Gestão, exposto no já citado quadro 01, devido à atuação do poder público, principalmente, ao que se refere a vacinas aplicadas de maneira programada, bem como o fortalecimento imunológico frente a doenças habitualmente presentes na sociedade envolvente.

Entretanto, estes dados ainda estão muito aquém do ideal pois, a população que havia antes do contato em 1969, de acordo com relatos orais, naquele ano somava em torno de 5000 pessoas ou mais (ALMEIDA SILVA, 2015). Contudo, considera-se que, por se estar ainda no início do Plano, já são ganhos importantes, visto que estes processos podem desenvolver-se por vezes de modo lento.

## APONTAMENTOS FINAIS

O Plano elaborado pelos Paiterey é um esforço coletivo e pioneiro no que se refere à Gestão Territorial para os povos originários e populações tradicionais da Amazônia, visto tratar-se de um modelo diferenciado, com novas estratégias para mudar um cenário devastado pela desvalorização cultural, de modo que procura resgatar aquilo que fora perdido tão rápido devido ao contato com o não indígena.

O pioneirismo do Plano de Gestão Territorial tem sido referência e adotado por outros povos originários, que fazem ajustes em conformidade com as necessidades e realidades de cada território. A experiência dos Paiter Suruí com as ferramentas tecnológicas tem sido frequentemente utilizada ao ponto de terem elaborado, aprovado

junto ao Parlamento Paiterey e publicado em 2014 o “Código e Normas Paiter Suruí”, o qual estabelece princípios, diretrizes, normas, direitos e deveres do povo Paiter Suruí, com vista a garantir qualidade de vida, sustentabilidade e organização Social.

Neste novo século, com a evolução das ferramentas tecnológicas, os Paiterey viram novas possibilidades e por essa razão tiveram que adequar-se às mudanças da atual sociedade, do mundo moderno como meio de defesa territorial, espiritual, social, cultural e política.

As novas tecnologias servem para propagar sua cultura e para monitorar ações que possam trazer benefícios para sua floresta e para suas vidas, enquanto coletivo humano. Saíram da posição de expectadores para ser protagonistas de sua própria história. Metaforicamente, trata-se de um novo arco e fecha que alcança dimensões globais e que busca superar a invisibilidade junto à sociedade envolvente.

A priori é possível considerar que a utilização dos recursos tecnológicos tem ocorrido de modo significativo e positivo, visto que se abrem novas perspectivas no resgate e valorização de sua cultura, de apresentar suas histórias para todo o mundo, de educar e mostrar para as novas gerações e proteger à floresta e o território. Contudo, não se sabe ainda ou não se tem clareza de quais impactos negativos essas mídias podem suscitar devido ao poder de influência que essas exercem em qualquer que seja a cultura. É relevante salientar que essas tecnologias da informação e da comunicação não reproduzam modelos e práticas colonialistas, perenizadas na história do contato com essas populações.

## NOTAS

5 Na atualidade, a Terra Indígena Sete de Setembro ou Paiterey Karah possui 27 aldeias espalhadas pelo seu território. Essa disposição atual reflete à reconfiguração interna causada principalmente pelo estabelecimento de casamentos dentro da lógica de organização social do povo, além da própria disposição de cria-las para proteger mais eficazmente o território, conforme previsto no Plano de 50 anos.

6 Primeiro indígena nascido em solo rondoniense a defender um mestrado, o de Geografia, na Universidade Federal de Rondônia. Em 2018 defendeu a dissertação intitulada “Paiterey Kãrah: a terra onde os Paiterey se organizam e realizam a gestão coletiva do seu território”. Assim, entendemos que a busca pela formação acadêmica caracteriza como antropologia tecnológica, visto que trata-se de um processo para entendimento dos códigos e sentidos produzidas pela sociedade envolvente, ao tempo que valoriza seus próprios etnoconhecimentos. É importante ainda destacar que os Paiterey encontram-se na articulação de parcerias com vista à implantação de uma universidade indígena, cujo princípio humanista é acolher de maneira irrestrita todos aqueles que a procurarem.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA SILVA, A. A questão indígena em Rondônia e os projetos de desenvolvimento na Amazônia Ocidental. **Ciência Geográfica**, Bauru: AGB, v. 16, p. 8-14, 2012. Disponível em: [http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVI\\_1/agb\\_xvi1\\_versao\\_internet/AGB\\_abr2012\\_02.pdf](http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVI_1/agb_xvi1_versao_internet/AGB_abr2012_02.pdf). Acesso em: 02 abr. 2020.

ALMEIDA SILVA, A. **Entre a floresta e o concreto**: os impactos socioculturais no povo indígena Jupaú em Rondônia. Jundiá: Paco Editorial: 2015a.

ALMEIDA SILVA, A. **Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib**

- da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia.** Jundiá: Paco Editorial, 2015b.
- ALMEIDA SILVA, A. *et al.* O ritual Mapimá no processo de construção da territorialidade Paiter Suruí. **Confins** [Online], v. 24, p. 1-18, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10218>. Acesso em: 08 mar. 2020.
- CARVALHO MELLO, K.; ALMEIDA SILVA, A. Os Paiterey e a tecnologia: antropofagia pós-moderna. **Revista Percurso** (Online), v. 8, p. 149-166, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/49666>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- COSTA, A.C. A comunidade indígena e o mundo tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida dos Aikewára. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO. REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM, 3., 2010, Recife. **Anais [...]**. Recife: UFPE, 2010. p. 01-14. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Alda-CristinaCosta.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GONÇALVES, R.C.; LISBOA, T.K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. Katál.** Florianópolis v. 10, n. esp., p. 83-92, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300009&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 11 mar. 2019.
- IDESAM - Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas. **Projeto de carbono florestal Suruí – Amazonas**, 2011. Disponível em: [https://s3.amazonaws.com/CCBA/Projects/Suruí\\_Forest\\_Carbon\\_project/PCFS\\_PDD\\_portugues\\_V1.pdf](https://s3.amazonaws.com/CCBA/Projects/Suruí_Forest_Carbon_project/PCFS_PDD_portugues_V1.pdf). Acesso em: 10 abr. 2020.
- MANDEL, A.; SIMON, I.; LYRA, J.L. Informação: computação e comunicação. **Revista USP**, n. 35, p. 10-45, 1997. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~is/infousp/imre/imre.htm>. Acesso em: 11 mar. 2019.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas 1845-1846.** Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/a-ideologia-alema-161>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- MINDLIN, B. **Nós Paiter: os Suruí de Rondônia.** Petrópolis: Vozes, 1985.
- PEREIRA, P.C.B.; SURUÍ, G.; ALMEIDA SILVA, A. Ameaças, conflitos e resistências: as novas tecnologias como ferramentas de auxílio ao Plano de Gestão do povo Paiter Suruí em Cacoal Rondônia diante a coação de seu território. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA POLÍTICA E TERRITÓRIOS TRANSFRONTEIRIÇOS (GEOTRANS), 3., 2019, Alfenas/MG; SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA POLÍTICA, TERRITÓRIO E PODER (GEOSIMPOSIO), 5., 2019, Alfenas/MG. **Anais [...]**. Alfenas/MG: EdUNIFAL, 2019. v. III. p. 1-16. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1X8rdi9dPTDonfru\\_DA1O62x1v5u\\_O1Eg/view](https://drive.google.com/file/d/1X8rdi9dPTDonfru_DA1O62x1v5u_O1Eg/view). Acesso em: 10 dez. 2019.
- PINTO, A.A. A “Inclusão Digital Indígena” na Sociedade da Informação. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA-ENECULT, 5., 2009, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009. p. 01-15. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19128.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- RAMOS, A.R. **Sociedades indígenas.** São Paulo: Editora Ática, 1986.
- SCOFIELD JR, G. Índio usa computador e internet para preservar Amazônia. **O Globo.**

Brasil. São Paulo, 03 mar. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/indio-PaiterSuruí-usa-tecnologia-para-preservar-amazonia-4174905>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SEEGGER, A.; VIVEIROS DE CASTRO, E.B. Terras e Territórios Indígenas no Brasil. **Revista Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n. 12, p. 101-109, 1979. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:seegercastro-1979-terras>. Acesso em: 11 mar. 2019.

SURUÍ, A.N. **A importância do Plano 50 anos para os Paiterey e para a Terra**. Entrevista concedida. Porto Velho: PPGG/UNIR, em 18 de setembro de 2018.

SURUÍ, G.; ALMEIDA SILVA, A. Um enfoque sobre os Paiterey Suruí e sua territorialidade. **Ciência Geográfica**. Bauru: AGB, ano 23, v. 23, n. 2, jan./dez., 2019. Disponível em: [http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/revista\\_xxiii\\_2.htm](http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/revista_xxiii_2.htm). Acesso em: 10 abr. 2020.

SURUÍ, Paiter. **Plano de gestão da Terra Indígena Sete de Setembro em Cacoal-Rondônia-Brasil: Paiter X Projeto Redd+**. 2020. Disponível em: [https://www.conservationgateway.org/ConservationPractices/ClimateChange/ForestCarbon/Documents/4.%20Gasoda%20S\\_PLANO%20DE%20GEST%C3%83O%20DA%0TERRA%20INDIGENA%20SETE%20DE%20SETEMBRO%20-%20MEXICO%202013.pdf](https://www.conservationgateway.org/ConservationPractices/ClimateChange/ForestCarbon/Documents/4.%20Gasoda%20S_PLANO%20DE%20GEST%C3%83O%20DA%0TERRA%20INDIGENA%20SETE%20DE%20SETEMBRO%20-%20MEXICO%202013.pdf). Acesso em: 11 abr. 2020.

SURUÍ, Paiter. **Povos Indígenas no Brasil**. 2019. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Suruí\\_Paiter](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Suruí_Paiter). Acesso em: 11 abr. 2020.

SURUÍ, Paiter. **Códigos e Normas Paiter Suruí**. Ivaneide Bandeira Cardozo, (Org.). Porto Velho, RO: EdUFRO, 2014. Disponível em: [http://www.kaninde.org.br/wp-content/uploads/2015/11/codigo\\_web\\_1421386902.pdf](http://www.kaninde.org.br/wp-content/uploads/2015/11/codigo_web_1421386902.pdf). Acesso em: 11 abr. 2020.

## **BLOGS E SITES VISITADOS**

FACEBOOK. **Perfil Gasodá Suruí**. 2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/gasoda.Suruí>. Acesso em: 10 mar. 2019.

INSTAGRAN. **Perfil Gasodá Suruí**. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtwoNdlNdcW/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

KANINDÉ. **Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé**. 2012. Disponível em: <http://www.kaninde.org.br/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

METAREILÁ. **Associação Metareilá**. 2019. Disponível em: <https://www.paiter.org/associacao-metareila-3/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

METAREILÁ. Associação Metareilá. **Consentimento Livre, Prévio e Informado Projeto Carbono Suruí**. Free, Prior and Informed Consent Suruí Carbon Project. ACT Brasil, 2010.